

HORIZONTES DEMOCRÁTICOS: UMA ENTREVISTA COM O PROFESSOR ALBERTO AGGIO

HORIZONS OF DEMOCRACY: AN INTERVIEW WITH PROFESSOR ALBERTO AGGIO

EQUIPE EDITORIAL DA REVISTA PARAJÁS¹
(ENTREVISTADORA)

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS; ENTREVISTA COM O PROF. DR. ALBERTO AGGIO.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS



Alberto Aggio²

¹ Esta entrevista contou com o apoio e participação na elaboração das perguntas dos seguintes professores/pesquisadores: **Dr. Marcos Sorrilha Pinheiro** e **Dr. Marcus Vinícius Furtado da Silva Oliveira**.

² Foto disponível em: < <https://www.fundacaoastrojildo.org.br/rpd-alberto-aggio-o-que-setembro-nos-revelou/> >. Acessado em: 27 de setembro de 2021.

Antes da entrevista propriamente dita, é importante trazermos, mesmo que brevemente, um resumo do currículo do nosso entrevistado. Para tal, lançaremos mão de dois trechos, disponíveis na internet nos sites “Horizontes Democráticos” e do “Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo”.

De acordo com Cláudia Regina³, o professor Alberto Aggio

cursou graduação em História na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas - USP (1982), fez mestrado em História Social na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas - USP (1990) e doutorado também em História Social na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas - USP (1996). Tornou-se Professor Livre-Docente em História da América em 1999 e desde 2009 é Professor Titular da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (FCHS) da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), campus de Franca. Atuou como professor visitante na Universidade de Valencia (Espanha), onde realizou seu pós-doutorado entre 1997 e 1998. Entre janeiro e julho de 2010 realizou Estágio Sênior financiado pela CAPES na Universidade Roma³ (Italia).

Conforme está escrito no site “Horizontes Democráticos”, o historiador Aggio

dedica-se à história política da América Latina Contemporânea, em especial à história política do Chile. É o diretor do Blog *Horizontes Democráticos*. É autor de ‘Democracia e socialismo: a experiência chilena’ (São Paulo: Unesp, 1993; Annablume, 2002, Appris, 2021 – no prelo), ‘Frente Popular, Radicalismo e Revolução Passiva no Chile’ (São Paulo: Annablume/Fapesp, 1999), ‘Uma nova cultura política’ (Brasília: Fap, 2008), ‘Um lugar no mundo – estudos de história política latino-americana’ (Brasília/ Rio de Janeiro: Fap/Contraponto, 2015) e ‘Itinerários para uma esquerda democrática’ (Brasília: Fap, 2018). É autor e organizador de ‘Gramsci: a vitalidade de um pensamento’ (São Paulo: Unesp, 1998), co-organizador de ‘Pensar o Século XX – problemas políticos e história nacional na América Latina’ (São Paulo: Editora Unesp, 2003) e ‘Gramsci no seu tempo’ (Brasília/Rio de Janeiro: Fap/Contraponto, 2010)⁴.

É com esse grande pesquisador de currículo e trajetória acadêmica impressionantes é que conversaremos hoje. E para montarmos esta entrevista solicitamos o apoio de dois conhecidos do Prof. Dr. Alberto Aggio. Trata-se de Marcos Sorrilha Pinheiro, que contou com as orientações do nosso entrevistado durante toda a sua vida acadêmica: graduação (monografia), mestrado (dissertação) e doutorado (tese); e de Marcus Vinícius Furtado da Silva Oliveira, que foi seu

³ REGINA, Cláudia. **Alberto Aggio**. 03 de dezembro de 2013. Disponível em: < <http://www.iea.usp.br/pessoas/pasta-pessoa/alberto-aggio> >. Acessado em: 28 de setembro de 2021.

⁴ Disponível em: < <https://horizontesdemocraticos.com.br/autores/> >. Acessado em: 28 de setembro de 2021.

orientando no mestrado (dissertação) e doutorado (tese), todos na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Sem mais delongas, vamos às perguntas...

ENTREVISTA COM O DR. ALBERTO AGGIO



Alberto Aggio⁵

REVISTA PARAJÁS: Gramsci é um autor que aportou no Brasil no final dos anos 1960 e foi mobilizado no sentido de renovar as análises históricas e políticas das esquerdas brasileiras naquele momento. Como foram seus primeiros contatos com o pensamento de Gramsci e quais as possibilidades de utilização de seu pensamento para explicar a realidade atual, sobretudo no entendimento das democracias contemporâneas?

ALBERTO AGGIO: Tomei contato com o texto de Gramsci ainda na graduação, no curso de Sociologia oferecido para a formação em História. Foram textos de Gramsci publicados na revista *Temas de Ciências Humanas*, que já não existe mais. Isso foi na segunda metade dos anos 1970. Daí passei a seguir de perto o que se publicava sobre Gramsci e obviamente as reimpressões dos livros de Gramsci que haviam sido publicados uma década antes. O pensamento de Gramsci era instigante porque fugia do marxismo mecanicista e dogmático que se expressava na esquerda

⁵ Foto disponível em: < <https://horizontesdemocraticos.com.br/autores/> >. Acessado em: 28 de setembro de 2021.

brasileira, naquela que não havia aderido à luta armada, já que naquela que aderiu à luta armada ele era um autor desconhecido ou sem importância. Gramsci nunca foi visto como uma referência na academia, ou seja, nos cursos da área de História ou mesmo na Filosofia. Creio que até hoje é assim. Ele é efetivamente uma fonte histórica do período de ascensão do fascismo italiano e do momento pré-staliniano do movimento comunista. É importante pensarmos que para lidarmos com Gramsci é preciso utilizarmos diversos filtros para entendermos o seu pensamento. Gramsci não pode dar respostas à nossa atual crise das democracias. Ele é de outro tempo. Contudo, suas reflexões nos apresentam conceitos e maneiras de pensar o movimento da História e da política em termos globais que são extremamente úteis.

REVISTA PARAJÁS: Além de Gramsci, seus diálogos se estendem também a outros importantes historiadores italianos, como Giuseppe Vacca e Silvio Pons. Quais são as contribuições historiográficas e políticas desses e outros intelectuais italianos?

ALBERTO AGGIO: Giuseppe Vacca é já um clássico na revisão do pensamento gramsciano uma vez que vem trabalhando nessa temática desde o final dos anos oitenta. Além disso, mantém uma visão crítica muito interessante a respeito dos caminhos da esquerda europeia contemporânea. Silvio Pons fez, no meu entendimento, a melhor história sobre a trajetória do comunismo no século XX, tratando-o como uma “revolução global”, na perspectiva historiográfica da “história global” que está presente também em Gramsci, conforme os estudos de Giuseppe Vacca. Mas no âmbito dessas temáticas que envolvem o pensamento de Gramsci, sua utilização e atualização, o autor brasileiro mais importante para mim é Luiz Werneck Vianna, desde os tempos do livro *Liberalismo e sindicato no Brasil* (1976) até *A revolução passiva – iberismo e americanismo no Brasil* (1997)

REVISTA PARAJÁS: Suas leituras acerca da história política chilena se iniciam no mestrado, com a análise das relações entre democracia e socialismo na Unidade Popular, e se aprofundam no doutorado com a abordagem sobre os governos da Frente Popular. Observando os dois trabalhos, seria possível afirmar que os governos da Frente Popular foram mais capazes politicamente em lidar com os desdobramentos da revolução passiva chilena?

ALBERTO AGGIO: São momentos e circunstâncias históricas diferentes e de experimentos políticos acumulados, para o bem e para o mal. A Unidade Popular (UP) é o resultado dos

chamados “anos febris”, os anos sessenta, onde tudo passou a ser questionado, revolucionado. Embora Allende tivesse seguido uma carreira política institucional até chegar à presidência, ele acabou envolvido nesse espírito do tempo de caráter revolucionário. A sua admiração pela Revolução Cubana era notória. Por isso, a UP desencadeou, conscientemente ou não, um processo político de “antirrevolução passiva” que acabou levando à confrontação extrema e ao golpe militar. A UP não pensou em reverter a “revolução passiva” chilena que havia, de alguma maneira modernizado o Chile, apesar dos seus imensos limites e déficits, ela colocou em prática um movimento antagonístico à “revolução passiva chilena”. E a origem dessa dinâmica histórica que eu chamei de “revolução passiva chilena” nasceu precisamente com a vitória da Frente Popular, em 1938, e que acabaria, com tensões e contradições enormes, criando uma espécie de padrão na conexão entre política e modernização no Chile, que vai até a década de 1950. No final dessa década começam a brotar os projetos globais de reforma e de revolução no Chile. Assim, os anos 1960 e a vitória de Allende ocorrem sob influxo dos movimentos antagonísticos à “revolução passiva chilena”, até o ato final que é o golpe militar de 1973, quando esse processo assume uma forma contrarrevolucionária liderada por Pinochet, na longa ditadura até o final da década de 1980.

REVISTA PARAJÁS: O interesse pelo estudo da América Latina veio pelo Allende?

ALBERTO AGGIO: Em parte, sim. No curso de graduação meu interesse para com a História da América Latina foi ganhando força a partir dos cursos e “colóquios” promovidos pela Profa. Maria Ligia Coelho Prado que depois será minha orientadora do mestrado e do doutorado. Eu tinha muito interesse no pensamento político do peruano José Carlos Mariátegui, mas lia muito sobre o período de Salvador Allende, no Chile. Acabei me inclinando e decidindo fazer o mestrado sobre Allende. Notem que a defesa do mestrado sobre Allende, na USP, foi em dezembro de 1990 e o livro saiu em julho de 1993, ou seja, 20 anos depois do golpe de Estado que derrubou Allende. Talvez pudesse ser alocado não apenas como um trabalho de “história política”, mas como “história do tempo presente”.

REVISTA PARAJÁS: A sociedade chilena pré-golpe de Allende era marcada por uma polarização sem conciliação. O que aquele momento pode trazer de ensinamentos para o momento político que atravessamos agora no Brasil?

ALBERTO AGGIO: O golpe de 1973 derrubou o governo Allende e acabou com a democracia chilena que havia sido construída desde a década de 1930. Suprime, portanto, a cultura política democrática construída nesse período, mesmo levando-se em conta todas as suas limitações. A polarização catastrófica foi uma construção política da direita chilena, apoiada pelos EUA. Allende só consegue assumir porque a democracia política ainda estava legitimada na sociedade chilena. O trabalho da direita foi deslegitimá-la e, mais do que isso, chegar ao ponto da desinstitucionalização do governo, para dar o golpe. A esquerda, no geral, foi passiva em relação a isso e até mesmo jogou no sentido de mais confrontação. Foi um grande equívoco. Quando ocorreu o golpe Allende já estava derrotado politicamente. A situação de polarização do Brasil hoje é completamente diferente, ainda que contenha riscos grandes. O governo Bolsonaro expressa uma posição antidemocrática clara e só pode se sustentar com o apoio do Parlamento comandado pelos partidos e líderes do Centrão. O que mantém a democracia é a legitimidade de suas instituições. Esse é o patamar mínimo. Ela pode avançar, com mais democracia, mas pode também regredir ao ponto da situação se reverter e a democracia ir encolhendo, sendo contestada por dentro. É o que muitos analistas têm chamado de colapso da democracia, sem golpes de Estado. Assim, as soluções positivas para as crises permanentes que existem na democracia são o caminho melhor para que se possa mantê-la e fazer com que ela avance superando entraves oligárquicos, que certamente ainda existem.

REVISTA PARAJÁS: O que resta para a esquerda hodierna? Gabriel Boric é o socialismo do século 21?

ALBERTO AGGIO: A esquerda hodierna está desafiada a abandonar uma trajetória de autoritarismo que a acompanhou no século XX e que ainda perdura em algumas correntes. Está desafiada a construir uma visão positiva e não instrumental da democracia, está desafiada a pensar isso num plano global e não mais nacional, combinando vida política democrática com progresso e avanços sociais e culturais, adaptando-se e apoiando as mudanças tecnológicas do nosso tempo. Há inúmeros desafios éticos e morais diante dela. Gabriel Boric, o novo presidente do Chile, por suas declarações e posturas, parece ser um líder político que tem todas essas coisas no radar. Mas ele é muito jovem, seu governo acaba de se iniciar, com desafios imensos pela frente, especialmente o processo de elaboração de uma nova Constituição, algo que ele não tem controle, e tudo isso transforma-se num desafio de grandes proporções. Mas eu creio que hoje não se pode mais falar de

uma esquerda autonomizada de outras forças progressistas, por assim dizer. Esquerda hoje é um campo contaminado por diversas visões de mundo, do homem e da sociedade. Não é mais como nos séculos XIX e XX.

REVISTA PARAJÁS: O que o senhor poderia dizer a respeito da política em tempos de pandemia, Prof. Alberto? Na ausência da “fortuna” (em razão da pandemia), houve “virtù” por parte dos governantes dos países em 2020 e 2021?

ALBERTO AGGIO: A pandemia da Covid-19 afetou tudo: economia, vida social e evidentemente a política. Creio que a necessidade de pensar mais no conjunto da sociedade, além dos indivíduos, as visões mais liberais individualistas tiveram mais dificuldades do que aquelas mais coletivistas e comunitaristas para enfrentarem o desafio de controlar e vencer a pandemia. Houve mais colaboração. Correntes políticas como as de Bolsonaro e Trump perderam e tiveram que mudar de posição; por outro lado, a União Europeia, apesar de tudo, teve um papel realçado, o que me pareceu um saldo positivo.

REVISTA PARAJÁS: Conte-nos um pouco sobre o projeto “Horizontes Democráticos”. De onde veio? E qual o escopo por trás dele?

ALBERTO AGGIO: “Horizontes Democráticos” começou como o “Blog do Aggio”, com escritos meus exclusivamente. Avançou para um Blog com mais autores, mas permaneceu como um território da opinião política democrática que visa discutir a contemporaneidade, em especial os desafios da política no Brasil e no mundo. Pretende ser um espaço entre o texto acadêmico, sem sê-lo, a escrita cultural interessada em opinar e debater, e o enfoque político no sentido mais lato do termo, ou seja, que vai do exame da conjuntura política até os temas das culturas políticas no nosso tempo.

REVISTA PARAJÁS: Antes de finalizarmos, responda objetivamente às seguintes perguntas:

a) Qual livro mais o marcou em sua vida?

ALBERTO AGGIO: *A era das revoluções*, de Eric Hobsbawm

b) E qual o seu livro de cabeceira?

ALBERTO AGGIO: Não tenho. Quando me deito para dormir não quero ler nada.

c) Qual personagem de nossa história pátria o senhor considera um verdadeiro herói?

ALBERTO AGGIO: Não gosto de heróis, não tenho nenhum herói

d) E da história universal?

ALBERTO AGGIO: Há figuras admiráveis na História, mas me recuso a pensá-los como heróis.

e) Se fosse pra escolher outro país (que não o Brasil) para ter nascido / vivido, qual escolheria?

ALBERTO AGGIO: Itália. Aliás, de onde vem meus antepassados.

f) Se pudesse sintetizar o conhecimento acumulado ao longo de sua experiência de vida em uma frase, o que diria às próximas gerações?

ALBERTO AGGIO: É preciso estudar sempre, conhecer mais, perguntar sempre, criticar sempre.

REVISTA PARAJÁS: O que o senhor espera deixar para a posteridade em relação ao seu nome?

ALBERTO AGGIO: Não penso nesses termos. O que fiz é o que ficará ... e talvez se perca no turbilhão das experimentações da política e da cultura.